

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Larissa de Souza Guimarães Gaia¹, Maria Aparecida Ramires Zulian¹

Universidade do Vale do Paraíba – Faculdade de Ciências da Saúde – FCS
Avenida Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova
São José dos Campos/SP – Brasil, 12244-000
Fone: + 55 12 3947-1000 – Fax: +55 12 3947-1015
larissa_ggaia@yahoo.com.br, marizuli@univap.br

Resumo

O desenvolvimento infantil é um processo contínuo de evolução, iniciando no período intra-uterino até os 16 anos aproximadamente e são vários os fatores complementares que envolvem mecanismos complexos que englobam o processo de maturação do organismo. Tem-se como objetivo deste trabalho o levantamento bibliográfico que venha a respaldar uma reflexão referente a importância da relação materno infantil, trata-se de uma revisão bibliográfica, que se organiza em temas que dão subsídio para a estruturação de uma reflexão quanto a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento infantil e as conseqüências na vida adulta, a partir dos dados obtidos conclui-se que nos primeiros anos de vida a criança é dependente da mãe para suprir suas necessidades de sobrevivência, sendo assim, a mãe passa a ser um fator externo determinante para o desenvolvimento da criança, estando a mesma ligada à qualidade das influências pela qual a criança poderá passar.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil, relação mãe- bebê

Área do Conhecimento: Terapia Ocupacional

Introdução

Este trabalho aborda a importância da relação materno-infantil no processo de desenvolvimento da criança, ou seja, o quanto essa relação pode influenciar este processo, e como isto pode ocorrer.

Sabe-se que nos primeiros anos de vida a criança encontra-se dependente para suprir suas necessidades de sobrevivência, a mãe é um fator externo determinante para a qualidade de desenvolvimento desta criança, sendo o agente protetor e estimulador do meio, proporcionando as condições necessárias para que a criança se desenvolva de forma saudável, em uma visão geral do desenvolvimento. Sendo assim, quando há alguma intercorrência durante este processo, a criança corre o risco de vivenciar experiências que não contribuirão de forma positiva para o seu desenvolvimento, resultando nas chamadas “falhas no processo de desenvolvimento”, ou seja, momento em que a criança passa, ou pula uma etapa do desenvolvimento de forma não esperada ou desejada. (BEZERRA, 2004)

Tem-se como objetivo o levantamento bibliográfico que venha a respaldar uma reflexão referente a importância da relação materno infantil.

A pesquisa se desenvolve fundamentada em autores cognitivistas para referir quanto ao processo de desenvolvimento infantil, mais especificamente Piaget e Vygotsky, mesmo considerando que são responsáveis por teorias distintas porém ao olhar do autor ambos se complementam no que tange as informações relevantes ao tema abordado. A Reflexão referente a relação mãe-bebê se realiza a luz do olhar de Winnicott.

Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica que se organiza em temas que dão subsídio para a estruturação de uma reflexão quanto a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento infantil e as conseqüências na vida adulta.

Os temas abordados são; o desenvolvimento infantil, fundamentada em autores cognitivistas mais especificamente Piaget e Vygotsky, e a relação materno infantil sob o olhar de Winnicott.

Resultados

A partir do desenvolvimento da revisão bibliográfica os dados levantados ampliam os olhares quanto ao tema em questões já tão discutidas tal qual o desenvolvimento infantil

O desenvolvimento infantil é um processo contínuo de evolução, iniciando no período intra-uterino até os 16 anos aproximadamente, se estendendo a diversos campos ou domínios, como o afetivo, cognitivo ou adaptativo, social ou pessoal, linguagem e motor. Não é determinado apenas por processos de maturação biológica ou genética, tendo como um de seus fatores importantes, o ambiente em que a criança vive ou tem maior contato. Sendo ambiente um termo amplo, podendo-se entender como cultura, sociedade, práticas e interações familiares e sociais e condição sócio-econômica. No ponto de vista da embriologia humana, há uma crescente evolução após o nascimento, onde há o surgimento de novas estruturas, sendo estas cada vez mais complexas. (BELLO, 1995)

Piaget descreve o desenvolvimento a partir de estágios, através de uma modificação progressiva dos esquemas de assimilação, o que possibilita diferentes maneiras do indivíduo interagir com o meio, de se organizar, organizar seus conhecimentos visando sua adaptação. Sendo assim, os estágios descritos por Piaget ocorrem de forma, que os posteriores, estão sempre ligados aos anteriores, como um espiral, ampliando-os. (BELLO, 1990)

Para Bello (1995), Piaget, refere que a inteligência humana é um mecanismo de adaptação do organismo às novas situações, e como tal, implica a construção contínua de novas estruturas, no ponto de vista embriológico, ou seja, a inteligência de uma criança varia de acordo com sua capacidade de se adaptar aos novos ambientes, situações, emoções, etc, sendo assim os indivíduos se desenvolvem de acordo com estímulos oferecidos pelo meio que os cercam. A inteligência humana pode ser exercitada e estimulada, buscando o aperfeiçoamento de potencialidades, sendo capaz de evoluir desde o nível mais primitivo, caracterizado pelas trocas bioquímicas, até o nível de trocas simbólicas.

Para a Psicologia Objetivista, todo o conhecimento provém da experiência, ao contrario da Psicologia Subjetivista que se apóia na idéia de que todo o conhecimento é anterior à experiência, reconhecendo assim a primazia do sujeito sobre o objeto (FREITAS, 2000). Para Piaget, essas duas considerações são dadas como insuficientes para explicar o processo evolutivo, sendo assim formula o conceito de Epigênese, argumentando que:

“... o conhecimento não precede nem da experiência única dos objetos nem de uma programação inata pré-formulada no sujeito, mas de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas” (PIAGET, 1976 apud FREITAS 2000:64).

O processo evolutivo humano tem uma origem biológica sendo ativada pela interação e ação do organismo com o meio, físico e social que o cerca. As formas primitivas de inteligência, biologicamente constituídas, são reorganizadas pela psique socializada, ou seja, existe uma relação de interdependência entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer. (BEE, 1984)

Esses fatores complementares envolvem mecanismos complexos que englobam o processo de maturação do organismo, a experiência com objetos, a vivência social e sobre tudo, o equilíbrio do organismo ao meio. O conceito de equilíbrio representa o fundamento que explica todo o processo do desenvolvimento humano piagetiano, levando em conta a ação de dois elementos básicos:

Fatores invariantes - ao nascer, o bebê recebe como herança uma série de estruturas biológicas, sensoriais e neurológicas, que permanecem ao longo de sua vida, e são essas estruturas biológicas que irão predispor o surgimento de algumas estruturas mentais. Considera-se que o indivíduo carrega duas características inatas que são a tendência natural à organização e à adaptação, ou seja, o comportamento do homem é inerente ao ser (TERRA, 2006)

Fatores variantes – elemento que se transforma no processo de interação com o meio, visando adaptação do indivíduo ao ambiente que o circula. A inteligência não é herdada, mas construída no processo de interação do homem com o meio (físico e social) em que ele está inserido. (TERRA, 2006)

Tendo em vista que no processo de interação podem ocorrer desajustes no meio ambiente que rompem com o estado de equilíbrio do organismo, dando início a esforços para que a adaptação se restabeleça. Essa busca do organismo por uma readaptação, ou seja, novas forma de adaptar-se envolve dois mecanismos que se complementam, a assimilação e a acomodação.

A Assimilação, é a tentativa do indivíduo em solucionar uma dada situação, a partir da estrutura cognitiva, já formada, que ele possui naquele determinado momento. O processo de assimilação representa uma tentativa de integração dos aspectos experienciais e dos aspectos previamente estruturados, ao entrar em contato com o objeto do conhecimento o indivíduo busca retirar dele as informações julgadas importantes, visando sempre estabelecer o equilíbrio do organismo (equilíbrio do organismo).

A acomodação, consiste na capacidade de modificação da estrutura mental já existente para

dominar um novo objeto do conhecimento. Representa o momento da ação do objeto sobre o sujeito, sendo esse o elemento complementar das interações sujeito-objeto. (Terra, 2006)

*“Em síntese, toda experiência é **assimilada** a uma estrutura de idéias já existentes (esquemas) podendo provocar uma transformação nesses esquemas, ou seja, gerando um processo de **acomodação**”. (TERRA, 2006)*

Piaget, refere que para um bom desenvolvimento é preciso que o ambiente promova condições para transformações cognitivas, sendo necessário que haja conflitos, ou esforços cognitivos que demande um esforço do indivíduo para superar-lo a fim de restabelecer o equilíbrio do organismo. (Rabello, Passos, s/ano). Porém esse processo de transformação, segundo Bello (1995), vai depender de como o indivíduo elabora e assimila suas interações com o meio. A forma com que o organismo se relaciona com a realidade, segundo Piaget, são divididos em 4 períodos, caracterizados por formas diferentes de organização mental que possibilitam as diferentes formas do indivíduo relacionar-se com a realidade que o cerca, que são os chamados “estágios do desenvolvimento”, sendo eles: Sensório-motor (0 a 2 anos), Pré-operatório (2 a 7 anos), Operações Concretas (7 a 12 anos) e Operações Formais (dos 12 anos em diante).

È sabido, convencionalmente, que a relação estabelecida entre mãe e bebê é de grande influência para o desdobramento adequado do processo acima citado, Winnicott trabalha essa questão com primazia

Winnicott foi um pediatra, se especializou em psicanálise infantil, viveu em Londres, no período de 1920 à 1971, estudou a psicanálise de Melanie Klein, de onde derivou as teorias das relações do objeto. Apesar de aceitar as teorias de Klein, que tinha como aspecto chave do desenvolvimento as micro-relações e interações com o meio (teorias das relações objetais), Winnicott é bem conhecido por usar uma linguagem simples para abordar o tema. Ao invés de considerar o mundo interior e exterior, Winnicott interessava-se mais na transição entre os dois, no “espaço de transição” entre esses domínios. Foi um dos primeiros autores a priorizar o papel da mãe no funcionamento mental da criança. (Winnicott, 2006)

“Na teoria psicanalítica de Winnicott o ser humano não é apresentado como um objeto da natureza, mas sim como uma pessoa que para existir precisa do cuidado

e atenção de um outro ser humano” (SANTOS 2008, apud MOURA s/ano)

O olhar referente à importância da relação mãe-bebê resgatado no texto que se sucede, baseia-se em clássicos da literatura de Winnicott (2005,2006).

Segundo Winnicott(2005), o desenvolvimento emocional tem seu início nos primeiros momentos de vida, e a experiência do nascimento é um aspecto significativo. Pelo fato de haver uma grande dependência emocional da criança, Winnicott entende que seu desenvolvimento não pode ser estudado separadamente dos cuidados fornecidos à ele, criança, o que possibilita a observar e detectar possíveis distúrbios emocionais ainda na primeira infância. O desenvolvimento emocional passa por um processo evolutivo, assim como o desenvolvimento motor, porém esse processo natural não se baseia na ausência de condições ditas como suficientemente boas, segundo Winnicott, a dificuldade está em estabelecer quais são essas condições.

“Devido à extrema dependência emocional da criança, seu desenvolvimento ou sua vida não podem ser estudados à parte da consideração do cuidado que lhe é fornecido”. (WINNICOTT, 2005:5)

A grande mudança que se nota no primeiro ano de vida da criança refere-se à aquisição da independência. Primeiramente, há uma dependência absoluta em relação ao ambiente físico e emocional, não havendo consciência da dependência, e por isso, esta é absoluta. Gradativamente, a dependência torna-se mais conhecida pela criança, que por consequência, aprende a usar essa dependência e o ambiente quando necessita de atenção. A progressão da dupla dependência à independência, e desta para independência, não é apenas uma resposta inata da criança ao crescer, esse crescimento só ocorre se processado em uma outra pessoa capaz de identificar as necessidades da criança.

Para a mãe, a criança é associada à idéia de um “objeto interno”, objeto imaginado e ali instalado, mantido apesar de todos os elementos que envolvem a gravidez. A mãe apresenta uma capacidade de desviar o interesse de si mesma para o bebê, aspecto esse que Winnicott chama de “preocupação materna primária”. Em seus estudos, Winnicott diz que é isso que confere à mãe a capacidade especial de suprir as necessidades do bebê, de realizar as ações certas, a mãe é capaz, e só ela, de saber o que o bebê pode estar sentindo naquele momento. Os médicos e profissionais da saúde possuem o

conhecimento científico a cerca da saúde do bebê, mas não são capazes de “traduzir”, ou saber, como o bebê se sente naquele momento.

Essa capacidade apresentada pela mãe, pode ser afetada por dois distúrbios maternos, segundo Winnicott, em um extremo, encontra-se a mãe incapaz de abrir mão de seus interesses, ou de priorizar os cuidados para com o seu bebê, priorizando seus interesses próprios e não as necessidades do bebê. No outro extremo, encontra-se a mãe que tende a estar sempre pronta, preocupada e protetora, o que pode fazer com que seu bebê torne uma “preocupação patológica”. Essa mãe, apresenta uma capacidade especial de abdicar do próprio *self* em pró da criança.

Em um processo normal, a mãe passa a recuperar gradativamente seus próprios interesses à medida em que a criança se desenvolve. A mãe que apresenta a “preocupação patológica”, não só permanece identificada com seu bebê, por um tempo muito longo, como também abandona repentinamente a preocupação com a criança, substituindo pela preocupação que possuía antes de seu nascimento e gestação.

Winnicott diz, que quando a relação, ou par mãe-filho, funciona bem, a criança tende a apresentar um ego forte, e esse ego reforçado, ou forte, é capaz, desde muito cedo, de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente marcados por tendências hereditárias. A criança, que apresenta um ego forte, “devido ao apoio da mãe”, que se torna mais cedo, verdadeiramente ele mesmo, segundo Winnicott. Se o apoio do ego da mãe não existe, ou é fraco, a criança encontra dificuldade de desenvolver-se em uma linha pessoal, tendem a apresentar padrões de comportamento semelhantes às outras crianças, como inquietude, estranhamento, apatia, inibição, complacência, entre outros.

Patrícia Ferreira Bezerra, Terapeuta Ocupacional, da UEPA (Universidade do Estado do Pará(S/Ano), fala sobre, seis principais padrões patológicos de comportamento materno que podem influenciar de forma negativa o desenvolvimento da criança, dependendo da fase de desenvolvimento do ego e do libido no momento em que se estabelece a chamada “relação prejudicial”, aliado a fatores congênitos (fatores inatos do metabolismo). Um desses padrões patológicos, citados pela autora, é a chamada, **Rejeição primária manifesta**, que pode ocorrer devido a uma rejeição da gravidez e conseqüentemente, do bebê, onde o bebê pode apresentar quadros de dispnéia, palidez extrema, diminuição da sensibilidade, e a **Oscilação cíclica de humor**, sendo mais comuns em mães que apresentam sintomas clínicos de depressão e

oscilação de humor, onde a pessoa passa da hostilidade e rejeição à super proteção, o que dificulta a criação da relação da criança com o objeto, pois quando a mesma se vê capaz de estabelecer a relação com o objeto “mãe hostil”, há uma mudança repentina, onde a mãe se torna super protetora, transformando-se, repentinamente, no oposto, sendo assim, a criança se vê obrigada a construir novas relações objetais com o novo objeto, a “mãe super protetora”.

Esta oscilação, pode levar a criança a buscar a perda da primeira relação objetal, podendo resultar em comportamentos em busca desse objeto, como a manipulação e ingestão fecal, atividades que envolvem relações concretas, onde a criança tenta incorporar o objeto perdido oralmente. A maioria das crianças apresentam sinais depressivos.

Outros padrões patológicos de comportamento materno são; Superpermissividade Ansiosa Primária, Hostilidade Disfarçada em Ansiedade, Oscilação entre Mimo e Hostilidade e Hostilidade Consciente Compensada. (BEZERRA, s/ano)

Discussão

Piaget, fala sobre o desenvolvimento infantil à partir de uma visão biológica, citando fases em que ocorrem as mudanças e surgimento de novas capacidades, e aspectos relacionados a essas fases. Vygotsky introduz a importância do meio para o processo de desenvolvimento da criança. Sendo assim, para discorrer sobre a influência que a mãe possa ter no processo de desenvolvimento, é preciso compreender os conceitos iniciais de desenvolvimento, o que leva o estudo a passar primeiramente pelas teorias de Piaget e Vygotsky, para assim, entender a relação materno-infantil.

Quando fala-se da relação materno-infantil, é importante entender que não está sendo pontuado apenas o sujeito “mãe”, mas também, quem possa ser o responsável ou cuidador. Entende-se que neste processo, assim como já dito e referenciado anteriormente, o meio em que a criança vive é capaz de influenciar o processo de desenvolvimento, entendendo meio como o ambiente em que vive, ou passa maior parte de seu tempo, as pessoas com quem mais se relaciona, e a pessoa responsável por seus cuidados.

A relação que a criança desenvolve com o meio não se resume apenas no período em que está passando pelo processo de desenvolvimento, mas perdura por toda vida adulta, ou seja, as capacidades e dificuldades desenvolvidas por ela na infância, influenciará na sua capacidade e dificuldades na vida adulta.

“ Só na presença da mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acúmulo de reações à violação; o self verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo” (WINNICOTT 2005: 24)

Sendo assim, entende-se a importância de um bom relacionamento da criança com o meio social e familiar, especialmente importância da relação da mãe com seu filho, oferecendo-lhe estímulos capazes de promover seu desenvolvimento de forma saudável. É importante ressaltar que como a ausência de estímulos pode ser prejudicial para o desenvolvimento, o excesso do mesmo, também pode ocasionar em “falhas” neste processo capazes de comprometer, em algum determinado momento, o desenvolvimento desta criança, podendo estar localizado nos aspectos sociais, funcionais, metais e motores.

Todos os autores citados neste trabalho, até o momento, dedicaram suas pesquisas ao desenvolvimento e formas de entender-lo e promover condições para que o mesmo ocorra de forma mais saudável possível.

Conclusão

Conclui-se que a relação materno-infantil tem um papel fundamental para o desenvolvimento global da criança, que se estenderá para a vida adulta, o que pode ser visto como estímulos, influências e relações que o indivíduo adulto foi capaz de estabelecer com o meio, ou seja, o que podemos chamar de relações objetivas.

Winnicott vê o papel fundamental da chamada “mãe suficientemente boa”, que fornece estruturas para a adaptação para o bebê, fornecendo-lhe apoio e controle.

“A mãe boa o suficiente...começa com um estágio de adaptação onde o bebê precisa dela, e com o passar do tempo ela se adapta, cada vez menos completamente, gradualmente, de acordo com a crescente habilidade da criança para lidar com seu fracasso” (WINNICOTT, 1953).

Sendo assim, Winnicott categoriza a função da mãe suficientemente boa, nos primeiros estágios em que o bebê começa a estabelecer suas primeiras relações com o que se pode chamar de objeto, ou objeto parcial, como **Holding** (fase em

que a mãe fornece apoio ao bebê, o protege, cuida, etc), **Manipular** (processo que facilita a formação de uma parceria psicossomática na criança, favorecendo o sentido do “real”, por oposição ao “não real”, e **Apresentar objetos** (tornar real o impulso criativo da criança, permitir o início da capacidade do bebê em relacionar-se com objetos).

“Quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da criança é de fato muito forte, pois é apoiado em todos os aspectos. O ego reforçado (e, por tanto, forte) da criança é desde muito cedo capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente marcados por tendências hereditárias.” (WINNICOTT, 2005: 24)

Referências

- BEE, HELLEN. A criança em desenvolvimento. 1984, editora Harbra
- BELLO, J.L.de P. Teoria Básica de Jean Piaget, Vitoria, 1995
- BELLO, J.L de O. Fases do Desenvolvimento Infantil segundo Piaget, (Apresentação de Trabalho/Seminário) 1990
- BEZERRA P.F, Universidade do Estado do Pará, UEPA . 2004,
<http://www.profala.com/artto5.htm>
- D. W. WINNICOTT, A família e o desenvolvimento individual. São Paulo 2005
- D. W. WINNICOTT, Os bebês e suas mães. 2008
- FIGUEIRAS. A.C, SOUZA. I.C.N, RIOS. V.G, BENGUIGUI. Y, “Manual para Vigilância do Desenvolvimento Infantil no Contexto da AIDPI”, Organização Pan-Americana de Saúde,
- JAKUBOVICZ, R. Afasia Infantil e Desenvolvimento Geral da Criança. 2008.
- MOURA, J. Introdução a Teoria de Winnicott, s/ano.
- PICCININI. C.A, LOPES. R.S, GOMES. A.G, NARDI. T, “Gestação e a constituição da maternidade”, Psicología em Estudo, v.13 n.1 Maringá 2008

- RABELLO, E.T e PASSOS, J.S. "Vygotsky e o desenvolvimento humano",
<http://www.josesilveira.com>

- TERRA, M.R. O Desenvolvimento Humano na Teoria de Piaget apud Piaget e Vygotsky O desenvolvimento humano na teoria de Piaget.
mhtml:file:///D:/TCC/\2006